

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º a entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 512	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	11 DE MARÇO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

O astrónomo saragoçano acertou d'esta vez. Depois d'esses bellos dias de primavera, bellos de mais porque tinham já o calor suffocante dos dias de canicula, vieram uns dias de temporal de vendaval medonho, de ventanias de dezembro adubadas com trovoadas de maio, que encheram de regosijo e de enthusiasmo os admiradores fanaticos do celebre borda d'agua. E no fim de contas elle acertou como não podia deixar de acertar, porque o astrónomo saragoçano tem um jogo muito parecido com a de um criado d'uma engraçada comedia franceza que descobriu a maneira certa e infallivel de ganhar sempre nas apostas das corridas de cavallos.

N'essas corridas, em França, os premios não são disputados por dois cavallos apenas, ou mesmo só por um, como algumas vezes aconteceu nas corridas do fallecido hyppodromo do Bom Successo; n'essas corridas, os premios são disputados por dez, doze e quinze cavallos e as apostas que se fazem são importantissimas.

O tal criado ladino tinha o seus ystema, que no fim de contas era tudo o que ha de mais simples n'este mundo.

Corriam dez cavallos, por exemplo, e elle chegava-se a dez sujeitos, e como homem muito entendido n'aquellas coisas dava a cada um o seu palpite, dizendo a cada um, é claro, o nome d'um cavallo diferente.

Ora como dos dez cavallos algum havia de chegar primeiro, o elegante a quem elle dera de palpite o nome d'esse cavallo vencedor, ganhava a aposta e gratificava-o naturalmente com generosidade pelo seu bom palpite.

E d'esta forma o bom do criado ganhava um dinheirão em todas as corridas, e tinha para os seus freguezes a fama de accertar sempre.

O astrónomo saragoçano faz o mesmo: em vendo uma serie de dias bonitos joga logo nos dias feios e evidentemente

hade acertar muitas vezes, como nas chances da roleta se acerta aos pares, depois d'uma serie grande d'impares.

Seja porém como fôr o que é certo é que d'esta vez acertou e na primeira noite da *Africana* esteve uma noite horrorosa, vendavalesca, como se em vez de se cantar a *Africana* se cantasse o *Fausto*, e a natureza quizesse fazer á empresa de S. Carlos o favor de lhe preparar cá fora a *mise-en-scene* da noite de Walpurgis, favor que ás vezes não deixava de ser conveniente, *vide mise-en-scene* do *Navio phantasma*.

Ora exactamente por causa d'essa noite invernosa destacada em preludios de primavera é que eu não lhe posso dar noticias directas da *Africana*, nem lhes dizer de opinião propria se a sr.ª Arckel foi uma Selika tão boa como dizem alguns jornaes,

se o publico estava tão hostilmente frio como dizem outros.

E foi ainda, essa prophesia realisada do saragoçano estender-se por uns poucos de dias, que fez com que eu n'esta chronica d'hoje, como na d'outro dia, não tenha outro remedio senão curar por informações.

Muito melhor dos meus incommodos de saude, os meus deveres de chronista ter-me-hiam levado com bom tempo a ver tudo o que por ahi se tem passado: com mau tempo os meus receios de doente forçaram-me a conservar-me mettido em casa, com medo de assanhar a minha bronchite que nem ao menos — graças a Deus! — chegou a ter as honras d'*influenza*, a doenca que toda a gente tem agora e que está nos cocorutos da moda.

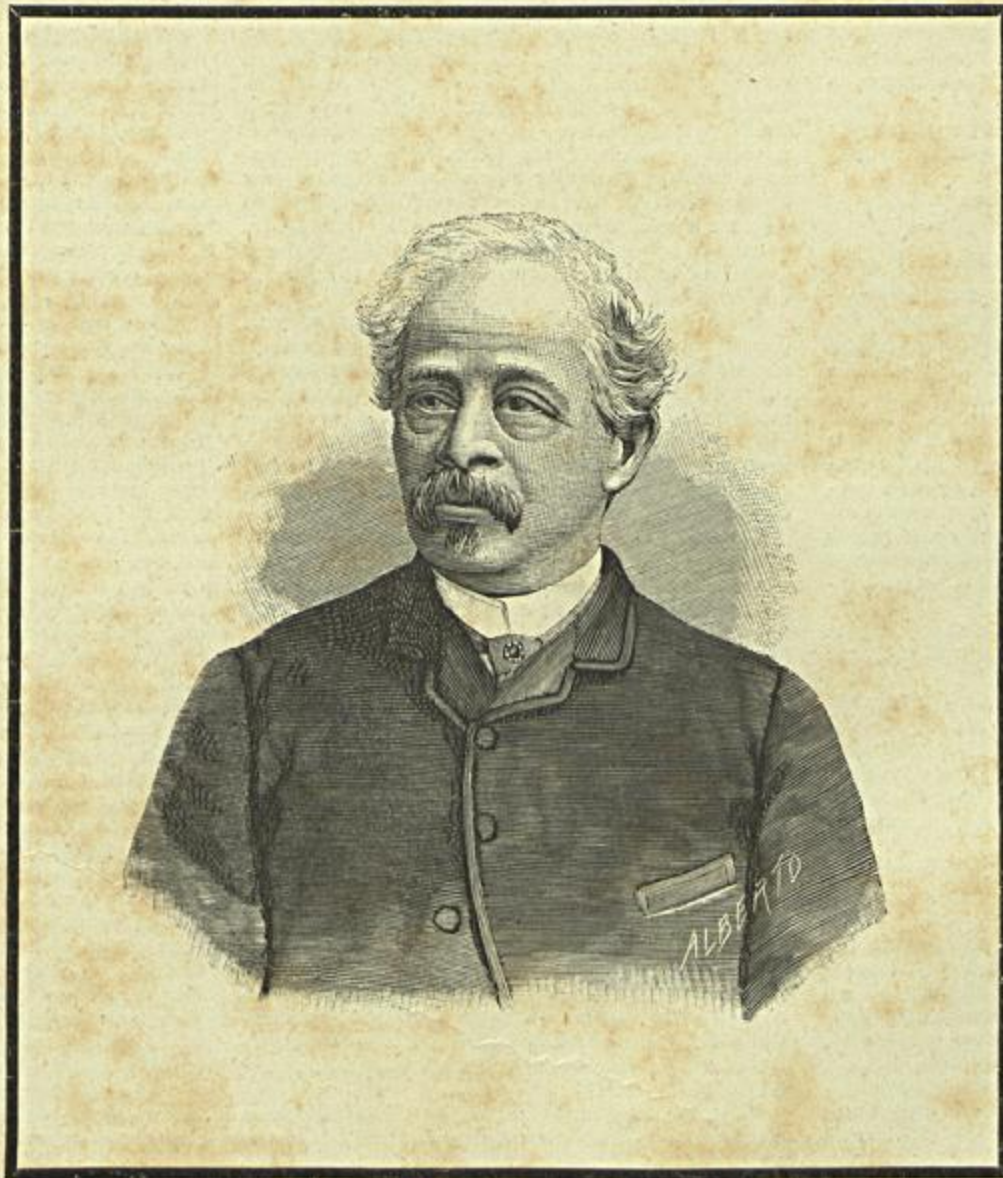
E assim só lhes posso contar por ouvir dizer que o *Navio phantasma* de Wagner naufragou na praia de S. Carlos e não seguiu carreira, diz em uns que por culpa dos tripulantes e do capitão do navio que o apresentou muito desmantelado, a metter agua por todos os lados, dizem outros que por culpa do mar, que não está ainda bem picado para essas navegações.

Confesso que estou um pouco envergonhado da imagem que já está bolorenta como todos os demonios, mas emsumma como não saio por estes dias á rua e portanto posso corar á minha vontade que ninguém vê, e como não tenho tanto assumpto que possa desprezar essas dez linhas de prosa deixal-a ir, que ás vezes mesmo por ser velha é que agrada.

Foi exactamente isto que aconteceu aos *Namorados* de Goldoni, com que a formosa actriz Beatriz fez ha noites o seu beneficio no theatro do Gymnasio.

Os *Namorados* de Goldoni traduzidos esplendidamente por Pinheiro Chagas, formavam o espectáculo d'essa noite juntamente com um a comedia n'um acto original de Joaquim Miranda.

A peça de Goldoni tem um feito antigo, é velha e envelheceu ainda muito mais rapidamente que outros da sua idade, porque não é d'essas obras primas que zombam dos insultos dos annos, como as peças de Shakspeare, de Molière, de Beaumarchais, mas foi exactamente por ser velha que não cahiu.



DR. AGOSTINHO VICENTE LOURENÇO — DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

FALLECIOU EM 13 DE FEVEREIRO DE 1893

(Cópia de photographia)

Se fosse nova, o publico ter-se-hia irritado com aquelle repisar constante das mesmas scenas; mas como era velha desculpou-lhe esse sabor antigo, teve respeito pelos seus annos, pela tradição brilhante que ella tem em Italia, pelo successo que ha mais de vinte annos ella fez em Lisboa, quando representada pelo Rossi e pela Casilini e applaudiu a peça que se apresentava esculpida por dois nomes tão gloriosos e tão illustres, como o de Galdoni e o de Pinheiro Chagas, e a que Beatriz, Telmo, Silva Pereira e Cardoso, deram um desempenho excellente, segundo affirmam aquelles que teem assistido ás suas representações.

A peça do sr. Joaquim Miranda conservou-se pouco tempo no cartaz porque, — dizem, que eu tambem a não vi — é litteraria de mais, tem muita observação, as qualidades serias e reflectidas do seu talentoso auctor, que é um trabalhador illustre, consciencioso, persistente, mas excellente para ser lida é um pouco longa para ser representada.

No theatro não houve mais novidades e fóra do theatro poucas houve tambem.

Entre estas ultimas uma que já não é nova, o peor defeito que pode ter uma novidade, mas que eu me esqueci de notar na minha chronica anterior.

E noto-a apenas porque tendo-me aqui referido ao drama de que ella é o epilogo, e que tanta sensação produziu em Lisboa, não quero deixar de registar a ultima palavra d'esse drama.

O soldado da municipal Thomaz Ribeiro o triste heroe do crime dos covões, suicidou-se com massa phosphorica.

E assim acabou essa local da parte da policia, que se apresentou com todo o apparato mysterioso d'um romance de sensação, e que no fim de tudo cahiu na banalidade d'um crime vulgarissimo.

De politica não ha nenhuma novidade.

O novo ministerio addiu as camaras, e os novos ministros trabalham, e não tem pouco que fazer.

Quando esses trabalhos apparecerem é que a chamada vida politica se animará de novo, sabendo-se já pela pratica o que hade acontecer.

Sejam o que fôr, esses trabalhos hão de ser defendidos com enthusiasmo por uns, e atacados com violencia por outros.

É a isso que se chama politica aqui e em toda a parte, verdade seja, sirva-nos isso de triste consolação.

*
*

E visto os acontecimentos terem-nos dado hoje um bocadinho de folga á chronica, vamos aproveitar o espaço, que nos resta para uma noticia muito curiosa que encontramos n'um jornal italiano.

Ha dezeseis annos o sr. Perazzi, membro do Club Alpino, então senador, e mais tarde ministro das finanças italianas, fez a ascensão da Parrat-Spitze, e quando descia d'esse pico para a garganta da Lesia, escorregou, e o guia que o acompanhava, para o segurar, deixou cair n'uma das tendas da geleira o casaco do sr. Perazzi, que este tirara por ter calor, e que o guia levava no braço.

O casaco desapareceu logo nas profunduras da geleira e o sr. Perazzi não pensou mais n'elle, é claro.

Agora, passados dezeseis annos, no 1.º de setembro do anno findo, um italiano, o sr. Vacearoul dispunha-se com dois amigos a fazer a ascensão da Parrat-Spitze, e quando ia a subir para a montanha, logo encontrou, ao principio da geleira, sobre um floco de gelo, um casaco em perfeito estado de conservação.

Era o casaco do sr. Perazzi, o proprio, que no dia 7 de agosto de 1876 cahira na fenda de gelo, a uma altitude de 3528 metros!

A altitude em que em 1892 foi encontrada era de 2750 metros, isto é, no espaço de 16 annos o casaco do senador italiano percorreu um trajecto vertical de 778 metros, o que dá á geleira, suppondo aproximadamente a inclinação de 50 % um deslocamento annual da media de 66 metros.

É ou não curiosa esta noticia de que, o jornal italiano d'onde a extrahimos garante a absoluta veracidade?

*
*

E para fechar a nossa chronica d'hoje iremos tambem buscar ao estrangeiro uma noticia graciosa, em guisa de *mot de la fin*.

Morreu ha dias na Allemanha o oppulento banqueiro israelita Bleischroeder, amigo intimo de Bismarck.

Bleischroeder tinha grande influencia na Allemanha, era amigo intimo do fallecido imperador Guilherme, que lhe deu titulos de nobreza não se esquecendo de que, quando era simples rei da Prussia, recorrera por mais d'uma vez á bolsa do oppulento banqueiro.

Entretanto, Bleischroeder, apesar do seu dinheiro, dos seus titulos nobiliarios e das suas amizades com o imperador e com todos os Hohenzollerns, era mal visto e tratado com desprezo por ser judeu.

E esse desprezo publico estendia-se até á sua filha, uma menina muito galante, muito bem educada, mas que tinha o grande defeito de ser israelita.

Uma noite, n'um baile do paço, o imperador Guilherme, que era o homem mais bem educado do seu paiz, encontrou no vão d'uma janella a filha de Bleischroeder banhada em lagrimas.

— O que tem? Porque está a chorar? perguntou-lhe o imperador.

Ella ao principio não quiz dizer, mas depois, instada pelo imperador, confessou a causa do seu pranto.

Chorava porque ninguem queria dansar com ella.

— Ah! sim! não querem? disse o imperador muito irritado por essa brutal desconsideração feita á pobre creança, e voltando-se para o principe de Reuss, seu ajudante de campo, ordenou:

— Vá chamar os meus officiaes, e que cada um d'elles, por sua vez, venha dansar com esta menina.

E foi assim que a filha do oppulento banqueiro poudo dansar na corte de Berlim.

Gervasio Lobato.

DR. AGOSTINHO VICENTE LOURENÇO

A estampa que o OCCIDENTE hoje offerece aos seus leitores representa um homem dos de maior auctoridade scientifica e dos de maior valor d'entre os que a sciencia portugueza tem visto com justificado orgulho enfileirar-se sob a sua bandeira: o Dr. Agostinho Vicente Lourenço. Verdadeiro patriarcha da sciencia, respeitou-lhe o nome a Europa inteira. Professor emerito, investigador *hors ligne* a chimica deveu-lhe serviços do mais alto quilate. Pensador profundo, talento privilegiado, immenso saber, foi no campo das sciencias uma das mais legitimas glorias do magisterio superior em Portugal.

O Dr. Agostinho Vicente Lourenço era natural de Margão, villa principal do concelho de Salsete, nas nossas possessões da India. Estudou nas escolas de Gôa os preparatorios e o curso medico, mostrando logo nos primeiros annos a mais decidida vocação para os estudos superiores. Trabalhou muito e distinguiu-se; fez-se medico e pouco tempo depois foi professor na Escola Medica de Nova Gôa.

Conscio do seu muito valor sentia-se porém mal no acanhadissimo meio scientifico que uma arredada colonia lhe podia proporcionar. Tinha aspirações e julgava-se com forças para arcar com as mil difficuldades de uma carreira scientifica. Vir até a Europa aperfeiçoar-se no ramo que escolhera foi o seu sonho dourado, mas não lhe chegavam para isso os magros recursos da sua mal fornecida bolsa. Aproveitou-lhe então uma velha usança das camaras agrarias da India portugueza, que de tempos a tempos subsidiava um alumno distincto das escolas locais para vir á Europa aperfeiçoar-se nos estudos que maiores aptidões revelára. Solicitou um subsidio e alcançou-o, vindo em seguida para Lisboa acompanhado e protegido por um dos homens de quem a colonia indiana conserva ainda hoje as mais saudosas recordações, pelo tracto fino, pela auctoridade e extraordinario talento com que por algum tempo exerceu n'aquella provincia as altas funções de secretario do governo, o Ex.^{mo} Sr. Custodio Manuel Gomes, tio de um dos mais respeitadissimos vultos da actual politica militante, o Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Barros Gomes.

Talentoso e instruido Custodio Manuel Gomes tinha pelo talento e pelas aptidões de Lourenço a sympathia que todos os homens de provado valor dispensam ao verdadeiro merito. Trouxe-o em sua companhia e planeára talvez apresental-o em Lisboa, facilitou-lhe os meios de estudo, recommendal-o. As aspirações de Lourenço não se limitavam porém a conhecer a sciencia portugueza. Desejava mais, queria ir a Paris, viver nas

grandes officinas do trabalho intellectual, que alli, então mais do que hoje, se destacavam, pela superioridade, das do mundo inteiro.

O pequeno subsidio de 20,000 rs. mensaes que as camaras agrarias lhe tinham destinado é que não chegava para o cumprimento d'este desideratum. Pediu mais, mas d'esta vez ao governo da metropole, e ou porque aos ouvidos do ministro tivesse chegado já a fama do seu nome, ou porque ao lado da individualidade de quem apenas pedia meios de estudo, apparecesse a figura respeitada de Custodio Manuel Gomes, o pedido foi deferido. Aos 20,000 rs. abonados pelas camaras agrarias vieram juntar-se mais 20,000 rs. abonados pelo ministerio do reino; 40,000 rs. que para Agostinho Lourenço representavam uma riqueza grande.

Sem delongas partiu para Paris, ansioso por frequentar clinicas, por ver de perto os grandes mestres na arte de curar, e voltar para a sua terra natal revestido do saber e auctoridade medica que na escola onde primeiro estudara nunca poderia alcançar. Mas bem em cedo lhe começaram a desfazer-se as illusões. Em todos os seus planos tinha Lourenço apenas contado consigo, mal cuidando na força irresistivel da influencia do meio de modo que tendo sahido de Lisboa suppondo-se rico teve de soffrer privações para se conservar em Paris, e tendo entrado em França nas melhores intenções de ser apenas medico voltou de lá quasi esquecido da medicina e exclusivamente entregue aos altos estudos da chimica.

Não se julgue no entanto que foi o insuccesso dos seus primeiros passos como estudante de medicina que o forçou a este reviramento. Seguiu entre outras a clinica de Gendrin que ao tempo era em Paris uma das summidades da medicina clinica. De professor e mestre, Gendrin passára a pouco e pouco a ser amigo de Lourenço; estimava-o e considerava-o como medico, a ponto de procurar dissuadir o por todos os modos de trocar os labores da enfermaria pelos trabalhos do laboratorio chimico que principiavam já então a attrahir o alumno. «Deixe-se de chemicas, dizia-lhe Gendrin, prosiga nos seus estudos medicos vaticino-lhe o primeiro logar na medicina portugueza».

As tendencias do seu espirito tiveram porém mais força que os conselhos do mestre. A chimica fascinou-o e Lourenço passou a viver no laboratorio de Wurtz, familiarisando-se com os cadinhos e as retortas, quasi esquecido de que fóra do ambito da sua casa de trabalho ainda havia mundo. Feliz nos primeiros ensaios, votou-se de corpo e alma ao estudo de alguns dos mais intrincados problemas que então se agitavam. Principiou a serie de memorias á Academia de Sciencias com exito crescente, e a medicina, o seu primeiro ideal que o tinha atirado de uma terra obscura da zona do malabar até á capital do mundo foi posta de lado por completo.

Foi a chimica organica o campo predilecto das suas investigações e descobertas e os que se lembrarem das apreciações, que dos seus trabalhos fez a imprensa europeia e americana d'esse tempo, quasi na sua totalidade, poderão melhor que ninguem calcular-lhe, o alcance e valor. A consolidação da theoria atomica, com tanto brilhantismo defendida por Wurtz, torneceram os estudos do Dr. Lourenço muitos dos seus melhores fundamentos. Os glycools e as gliceras, o ether intermediario do glycool, dos alcooes polyethylenicos foram por elle descriptos uns e encontrados outros. Apreciou-os muito a Academia de Paris todos estes trabalhos e apreciou-os sobretudo o velho Dumas, o mestre dos chimicos, que com as mais lisongueiras palavras de muita admiração e muito esthusiasmo pelo valor d'estas produções, se refere ao Dr. Lourenço n'um documento academico que n'este momento temos á vista.

Já com um nome no mundo scientifico, Agostinho Lourenço percorreu a Allemanha e frequentou o laboratorio de Bunsen, e viveu ali na intimidade de muitos dos mais laureados vultos da chimica allemã. Esteve depois em Londres onde casou, e voltando para Paris fez o curso de engenharia civil e doutorou-se em sciencias. Não era facil a estrangeiros alcançar este titulo que só pela sua raridade constitue um diploma apreciavel. Cremos mesmo que foi elle o unico portuguez que até hoje o tem alcançado. Na força da vida e com toda a pujança do seu talento, a difficuldade era justamente o que mais excitava o seu amor ao trabalho e tendo mettido hombros á empreza que dia a dia se lhe tornava mais ardua, porque começavam a perder da sua regularidade as remessas de dinheiro de Lisboa, alcançou o doutoramento scientifico a que se propozera.

Contava o dr. Lourenço por essa epocha 30 annos de idade. Casado e com posição social, não lhe chegavam os recursos com que podéra arras-

tar a sua vida de estudante. Era natural que pensasse em melhorar a sua condição e não lhe faltavam propostas tentadoras. Instava Dumas para que elle accedesse a um bem remunerado logar no Egypto onde elle iria, se quizesse, desenvolver o ensino da chimica. Solicitavam-no outros para a faculdade de medicina de Lyon onde elle iria, se quizesse, dirigir a cadeira de chimica e toxicologia. Mas o dr. Lourenço rejeitou tudo isto que lhe proporcionava um futuro risonho e veio esterilizar-se em Lisboa. Tendo recebido do governo portuguez os meios indispensaveis ao seu estudo, tinha contrahido para com a sua patria uma divida de profunda gratidão a que elle julgou não se dever eximir. Chamou-o de Lisboa o Duque de Loulé, então ministro do reino, offerecendo-lhe uma cadeira na Escola Polytechnica e ao lado d'elle em Paris o Conde do Lavradio juntava as suas instancias ás do nobre duque. O dr. Lourenço não hesitou e veio.

Procurou ainda tolher-lhe o passo o seu companheiro e amigo Malagutti «Não vá lhe dizia Malagutti, vai isolar se e o isolamento é a morte do homem de sciencia.» Mas as razões que forçavam Agostinho Lourenço a vir para Portugal eram das que no espirito de um homem digno não encontram outras que se lhes opponham, e veio apesar de tudo. Era a patria que o tinha feito notavel, era a patria que elle queria destinar o melhor quinhão do que tinha aprendido e do que valia.

Como elle foi aqui mestre sabem-n'o todos que transitaram pela Escola Polytechnica, de 1862 para cá. Mestre dizemos, que o foi em toda a accepção da palavra, não professor como entre nós se entende. Para isso faltava-lhe uma qualidade, a de expôr bem. Tendo passado a sua vida ora na India, ora na França, ora na Allemanha ora em Portugal, fallava uma lingua que tendo um pouco de cada um dos idiomas d'estes diversos paizes não era comtudo nenhum d'elles. Não era correcto nem tinha a dicção facil, e pode-se calcular quanto isto era de molde para enfraquecer a sua auctoridade professoral n'um paiz todo de discursos como o nosso. Mas Lourenço tinha saber de mais para que esta falta possesse empallidecer sequer a sua respeitabilidade scientifica. Como mestre o seu nome impunha-se a todo o portuguez illustrado que tivesse capacidade bastante para ver atravez do desalinho da sua phrase o valor d'aquella cabeça e a vastidão dos seus conhecimentos na materia que professava.

Fôra das suas occupações escolares o dr. Agostinho Vicente Lourenço exerceu varios e honrosos cargos em Portugal. Desde a sua chegada foi eleito socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Desempenhou o logar de engenheiro chefe de 1.ª classe no quadro das obras publicas e n'esta qualidade foi encarregado do estudo da hydrologia do reino. Estudou as aguas minerais do districto de Lisboa, as de Chaves, e Vizella Organizou uma resenha de todas as aguas potaveis da capital, trabalho que foi publicado no *Diario do Governo* em 1867 e apresentado em folheto á Exposição de Paris do mesmo anno conjunctamente com o estudo das aguas de Chaves que obteve a medalha de ouro da exposição. Desempenhou commissões sem numero, quasi todas gratuitas apesar de serem muitas d'ellas trabalhosas e cheias de responsabilidades.

Ultimamente cansado e velho abandonou um pouco a sciencia. Fizera-se industrial e explorava o estabelecimento de banhos sulfureos de S. Paulo. O pouco que lia era sobre a arte, especialmente sobre a pintura de que era muito amador. Desde o anno passado porem parecia mais avigorado; voltára de Paris, onde ia passar quasi todos os verões, como que remocido. Os ultimos congressos a que assistira, o contacto com os seus camaradas de outro tempo, tinham-lhe como que excitado a antiga fibra. Voltou á regencia da sua cadeira, interrompida havia alguns annos, e iniciou novos trabalhos de laboratorio sobre os quaes guardava nm certo sigillo. Mas foi de pouca dura este renascimento da sua actividade; uma noite fria ateou-lhe uma bronchite que ha muito o não largava e derrubou-o em poucos dias.

Morreu aos 71 annos de idade, enluctando não só a sciencia portugueza que o venerava, como também a sciencia estrangeira. Lá fôra, onde a confraternidade dos camaradas de trabalho é muito maior que em Portugal, ha de ser devéras sentida a sua morte, porque o respeitavam e estimavam. Nos congressos scientificos da especialidade a sua presença era sempre um motivo de jubilo para os seus confrades e em cada reunião a sua assistencia era solicitada com instancia. Agora mesmo

velho e arredado do mundo e das pugnas scientificas, quando o seu corpo mais pendia para o tumulo do que para a vida, ainda a sua opinião e o seu voto eram instantaneamente requisitados para a solução do grande problema da nomenclatura chimica, cuja systematisação n'este momento preoccupa os mais auctorizados chimicos do mundo inteiro.

Visto pelo lado das suas qualidades moraes o dr. Agostinho Vicente Lourenço era o typo do homem bom. Habitado a viver com elementos que obedeciam ás suas previsões de philosopho e ás suas manipulações de chimico, era de uma ingenuidade levada ao extremo. Mais de uma vez foi victima d'isso, em circumstancias varias da sua vida. Se não fosse assim teria ao menos chegado ao fim da existencia em condições de uma relativa riqueza feita á custa do seu trabalho e da sua industria. A sua extrema ingnuidade conduziu o pobre a emprezas que não eram para o seu feitio e para a sua educação toda de sciencia e laboratorio e se não morreu pobre morreu pelo menos n'uma abastancia consideravelmente inferior á que tinha conseguido adquirir.

Não é uma biograpgia o que ahi fica. A biographia de um sabio, so a pôde traçar com segurança a penna de um outro sabio. São apenas notas, apontamentos soltos que a nossa memoria conservou de um largo convívio com este vulto scientifico que uma lei physiologica acaba de extinguir. Impressões que oxalá não tenham sido aleasdas pelos laços de profunda veneração que as qualidades do dr. Agostinho Lourenço nos mereceram sempre e pelo agradecimento que devemos á sua memoria pela sincera e franca amizade que por tantos annos nos dispensou, pelo bom conselho é até por distincções e honras que so poderiam encontrar a sua razão de ser na sua invariavel bonhomia para com todos, especialmente para com os pequenos.

Alfredo da Costa.

O NOVO MINISTERIO PORTUGUEZ

Como os leitores sabem, a queda do ministerio Dias Ferreira, extra-partidario, determinou a subida ao poder de um ministerio formado por membros do partido regenerador, tendo como presidente da situação o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, chamado por El-Rei para formar ministerio.

Seguindo a indole e programma do nosso periodico, vamos registar nas suas paginas mais este acontecimento historico, publicando os retratos dos novos ministros com algumas breves notas biographicas.

CONSELHEIRO DR. ERNESTO RODOLPHO HINTZE RIBEIRO. Presidente do Conselho e ministro dos Estrangeiros. Ainda é moço, pois nasceu na ilha de S. Miguel, em 1849. Formou-se em direito, na Universidade de Coimbra, em 1877, depois de um curso brilhante. Estabeleceu-se em Lisboa com banca de advogado e em 1878 foi pela primeira vez eleito deputado pela sua terra natal.

Depressa fez carreira na politica, pois em 1881 entrou no ministerio formado por Antonio Rodrigues Sampaio, tendo 31 annos apenas. Chamou-se áquelle ministerio o ministerio dos meninos, por n'elle entrarem alguns jovens politicos, como Lopo Vaz, Julio de Vilhena, que estreavam as suas esporas de oiro. N'este ministerio o sr. Hintze Ribeiro occupou a pasta das obras publicas.

No ministerio que succedeu ao de Sampaio, em 1883, Fontes Pereira de Mello encarregou o sr. Hintze Ribeiro da pasta da fazenda, que gerio até fevereiro de 1886.

Aos seus dotes de grande parlamentar reúne uma actividade pouco vulgar.

Citaremos, ao acaso, entre as numerosas medidas que apresentou ao parlamento, as propostas de lei relativas ao caminho de ferro de Torres Vedras, aos serviços hydraulicos, aos serviços florestaes, ao allumiamiento e balizagem dos portos, á construcção e exploração do caminho de ferro da Beira Baixa, Mirandella e Vizeu, ao porto artificial de Leixões, á organização do curso de commercio no Instituto Industrial de Lisboa, á organização das sociedades commerciaes, á reorganização da direcção geral das alfandegas, á elaboração da nova pauta das alfandegas, etc.

Desde janeiro de 1886 que é par do reino e

desde 1891 que é conselheiro de Estado effectivo pela vaga deixada por Carlos Bento da Silva.

O ultimo ministerio de que fez parte foi o de 1890 organizado pelo sr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel, tendo a seu cargo a pasta dos estrangeiros, a mais difficil n'aquella situação, em consequencia do conflicto anglo portuguez de triste memoria.

O que então perdeu de popularidade é possível que adquira agora se conseguir levar a porto e salvamento a nau do Estado.

E' o que sinceramente desejamos.

CONSELHEIRO DR. JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO. Ministro do Reino. Tem apenas 38 annos de idade, pois nasceu em 1855, em Alcaide, concelho de Fundão, e já tem uma importante carreira politica apesar de a ter encetado em 1885, como deputado por Guimarães. E' doutor em direito pela Universidade de Coimbra e tem desempenhado o logar de delegado em Satam, Baião e Alcobaça e por ultimo em Lisboa.

Desempenhou interinamente o logar de administrador geral das alfandegas, tendo feito concurso para chefe d'esta repartição, em que foi classificado em primeiro logar.

No partido regenerador é um dos mais graduados, e entrou pela primeira vez nos conselhos da corôa, em 1890, como ministro da fazenda do gabinete Serpa Pimentel. N'este governo decretou os 6 p. c. addicionaes e o monopolio do tabaco.

Entrou depois no ministerio formado pelo sr. João Crysostomo de Abreu e Sousa, em que tomou a seu cargo a pasta das obras publicas. Realizou então algumas reformas e economias n'este ministerio.

Leader do partido regenerador na camara dos deputados, foi eleito presidente da commissão de fazenda e quem levantou duvidas sobre a questão dos credores estrangeiros e medidas financeiras, que produziram a crise que determinou a queda do governo.

O sr. João Franco Castello Branco parece ter a paixão do poder, pois também esteve para entrar para o ministerio formado pelo sr. Dias Ferreira, em uma das suas recomposições.

Se a sua paixão é ser ministro, deve estar satisfeito por, no curso espaço de tres annos, ter sido já tres vezes chamado aos conselhos da corôa.

CONSELHEIRO AUGUSTO FUSCHINI. Ministro de Fazenda. Tem uns cincoenta annos e é engenheiro civil com um brilhante curso, tendo sido dos mais laureados estudantes de mathematica da Universidade de Coimbra.

Desempenhou as funcções de engenheiro districtal e ultimamente as de chefe de serviço da Companhia Real dos Caminhos de Ferro.

A sua entrada na politica data de 1881, em que venceu uma grande campanha eleitoral, para ser deputado por Belem. Alistou-se no partido regenerador, mas pela morte de Fontes Pereira de Mello passou para a *esquerda dynastica* e pela extincção d'este pequeno partido declarou-se independente. Foi então que entrou na Liga Liberal, sendo um dos seus mais acerrimos membros.

No parlamento tem accentuado fortemente a sua individualidade, defendendo as suas idéas economicas com notavel energia contra os seus adversarios.

A sua subida ao poder não era esperada, n'um ministerio regenerador, e por isso foi uma surpresa para o publico.

Veremos se o novo ministro da fazenda responde brilhantemente á interrogação que a sua entrada no governo pôz no espirito publico.

CONSELHEIRO BERNARDINO LUIZ MACHADO GUIMARÃES. Ministro das Obras Publicas. Entra pela primeira vez nos conselhos da corôa e é um dos membros mais sympathicos do ministerio. Contando apenas 42 annos de idade, é de ha muito lente da Universidade de Coimbra, onde se formou em philosophia. São muito conhecidos os seus trabalhos sobre instrucção publica, tanto no paiz como fóra d'elle.

Membro do Conselho de Instrucção Publica, tem desempenhado varias commissões n'este ramo da administração e entre estas a de director do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa. A Academia de Estudos Livres deve-lhe grande incremento e protecção.

Outra commissão importante foi a que ainda ha pouco desempenhou em Madrid, como representante portuguez ao congresso Pedagogico, nas festas columbinas, em que muito honrou o seu paiz.

A sua carreira politica não tem sido ruidosa em harmonia com a serenidade do seu caracter. Eleito deputado pelo circulo de Lamego e depois par do reino pelos collegios scientificos, os seus discursos parlamentares tem sempre versado sobre os progressos da instrucção.

Sobre este ponto de vista crêmos plenamente na sua influencia; como administrador nada po-

brilhantes, tanto pelo seu caracter disciplinador e correctissimo, como pela maneira louvavel com que tem desemnhado as varias commissões para que tem sido nomeado.

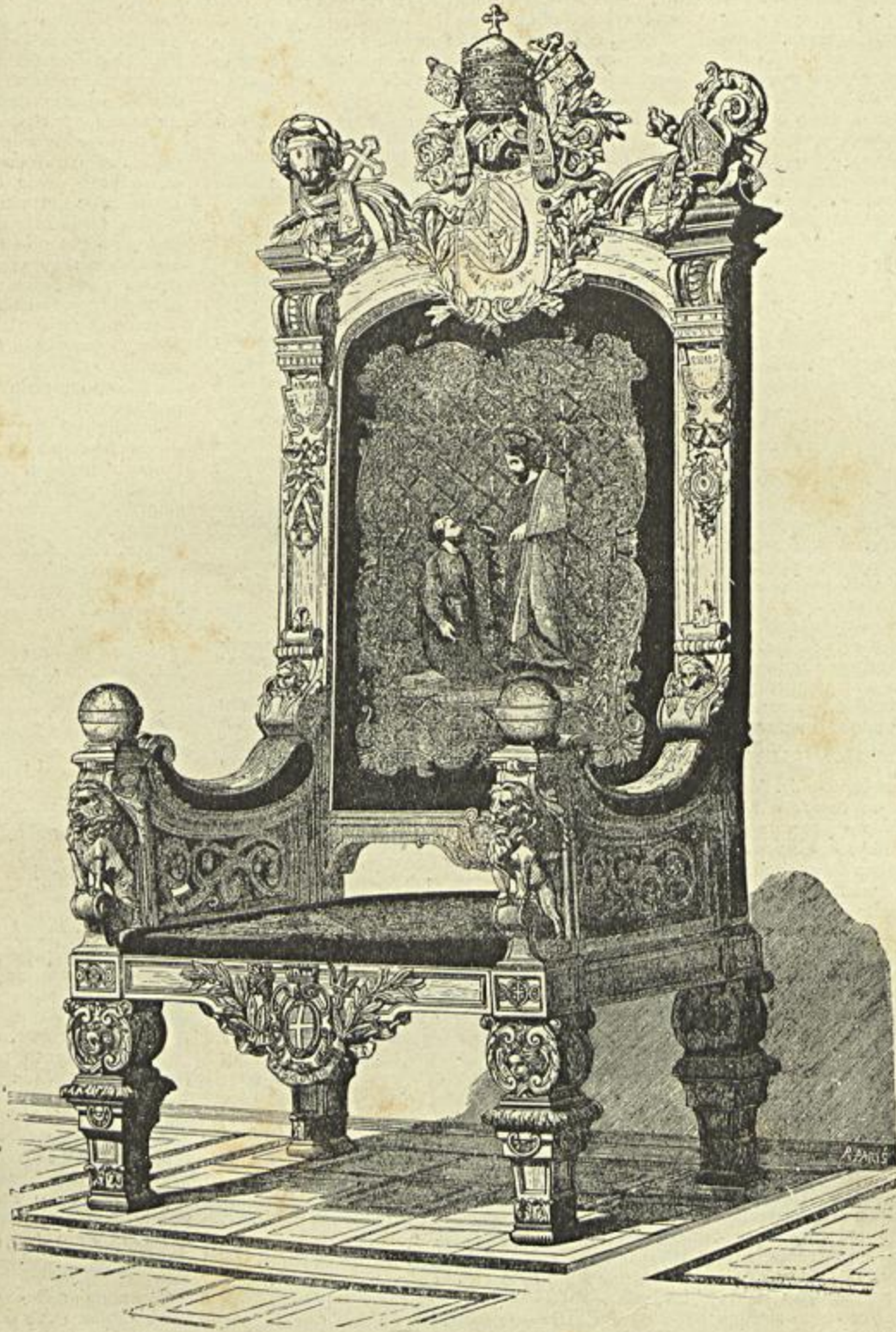
Promotor de justiça no conselho de guerra da 4.^a divisão militar, desempenhou distinctamente o seu espinhoso logar.

Nomeado coronel foi collocado no regimento

BRANCO. Ministro da justiça. Nasceu em Villarinho da Samardã, a 25 de dezembro de 1843, pelo que é transmontano. Coursou com distincção a Universidade de Coimbra onde se formou em direito.

Já em Coimbra affirmou os seus dotes de escriptor e poeta, no que continuava as tradições de familia, pois é sobrinho do grande Camillo Castelle Branco.

JUBILEU DE SUA SANTIDADE LEÃO XIII



A CADEIRA GESTATORIA DO PAPA LEAO XIII

(Copia de photographia)

demos dizer, porque mesmo s. ex.^a nada poderá dizer por ora, dos enredamentos da administração da sua pasta.

CONSELHEIRO CORONEL LUIZ AUGUSTO PIMENTEL PINTO. Ministro da guerra. E' coronel de cavallaria, posto a que foi promovido em agosto de 1890. Sentou praça com 17 annos de idade, em 15 de agosto de 1859. Fez um curso muito distincto e a sua carreira militar tem sido das mais

ne cavallaria n.º 8 e d'este commando passou a director da administração militar onde alguns dos seus actos tem sido elogiados.

E' deputado desde 1890 e os seus dotes oratorios logo lhe marcaram um logar distincto no parlamento. Foi um dos promotores da *contraliga*, o que não impediu de agora entrar no governo com o sr. Fuschini.

CONSELHEIRO DR. ANTONIO DE AZEVEDO CASTELLO

O primeiro cargo official que desempenhou foi o de administrador do concelho de Murça.

O seu excellente caracter, recto e franco adquiriu-lhe grande popularidade na sua provincia e Villa Real escolheu-o para seu representante em côrtes, em 1879, candidatura que tem mantido até ao presente, sendo ha tempo o presidente da camara dos deputados, logar que tem desempenhado com o louvor de todos.

O systema penitenciario tem-lhe merecido aturados estudos e para esse fim foi ao estrangeiro

O NOVO MINISTERIO PORTUGUEZ



CONSELHEIRO NEVES FERREIRA, CAPITÃO DE MAR E GUERRA
Ministro da Marinha e Ultramar



CONSELHEIRO DR. ANTONIO DE AZEVEDO
CASTELLO BRANCO
Ministro da Justiça e dos Ecclesiasticos



CONSELHEIRO DR. BERNARDINO MACHADO
*Ministro das Obras Publicas,
Commercio e Industria*



CONSELHEIRO DR. HINTZE RIBEIRO
Presidente do Conselho e Ministro dos Estrangeiros



CONSELHEIRO DR. JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO
Ministro do Reino



CONSELHEIRO AUGUSTO FUSCHINI
Ministro da Fazenda



CONSELHEIRO PIMENTEL PINTO, CORONEL
Ministro da Guerra

com o sr. dr. Agostinho Lucio estudar este systema.

Em 1884 foi nomeado sub director da Penitenciaria de Lisboa, de que é director o sr. dr. Jeronymo Pimentel. Os seus relatorios e um livro que publicou *Estudos penitenciarios*, são o melhor elogio e a demonstração mais valiosa do seu saber sobre o assumpto.

Tendo o governo, no seu programma, annuciado a reforma da lei de imprensa e de reunião, é de esperar que o trabalho do novo ministro da justiça seja digno do auctor, pela rectidão e pelo bom senso com que deve ser elaborado.

CONSELHEIRO CAPITÃO DE MAR E GUERRA JOÃO ANTONIO BRUSSAC DAS NEVES FERREIRA. Ministro da Marinha e Ultramar. Sentou praça de aspirante de marinha em 1864 e é hoje capitão de mar e guerra. Tem passado boa parte da sua vida em Africa, no desempenho de commissões importantes como as de governador de Benguela, Congo e ultimamente de Moçambique em occasião bem difficil, pelo que conhece bem as possessões ultramarinas, não menos que a sua arma, pois tem repetidas viagens de commando da armada portueza.

O ministerio Dias Ferreira escolheu-o para governador civil da cidade do Porto, cargo que deixou para vir tomar conta da pasta da marinha.

Entre os officiaes da marinha portueza é dos mais illustrados e estimados, por isso a sua nomeação foi bem recebida pela classe e pelo publico.

C. A.



AS NOSSAS GRAVURAS

JUBILEU DE SUA SANTIDADE LEÃO XIII

A CADEIRA GESTATORIA

Bem differente da simplicidade da Cadeira de S. Pedro, destaca-se a Cadeira Gestatoria pela sua arte e riqueza.

Esta cadeira, um verdadeiro primor artistico, reúne na sua decoração todos os attributos pontificios, vendo-se no seu espaldar, em baixo relevo colorido a figura de Jesus Christo entregando as chaves do ceu ao seu apostolo S. Pedro.

A cadeira gestatoria serve só nas grandes solemnidades pontificias, onde o Papa é conduzido em triumpho ladeado pelos *flabeus*, que são uns grandes leques de pennas de abestruz, como se veem na procissão do Corpo de Deus, em Lisboa, ladeando o palio.

Foi n'esta cadeira que Sua Santidade Leão XIII foi conduzido dentro da Basilica de S. Pedro, ao altar onde rezou a missa do seu jubileu episcopal, em 19 de fevereiro d'este anno.

A ILHA DE ZANTE

VICTIMA DE UM TERREMOTO

Nos primeiros dias de fevereiro proximo passado o telegrapho transmittio a noticia de uma horrivel catastrophe, em que foram victimas algumas centenas de pessoas.

Era a ilha de Zante, uma das mais formosas e ricas, pertencente á Grecia, que tinha sido assolada por um horrivel terremoto, na madrugada de 7 de fevereiro.

O terremoto não só destruiu a maior parte dos edificios da cidade, como estendeu os seus estragos aos campos, assolando tambem as povoações visinhas.

Os habitantes da ilha foram surpreendidos no seu sonho pela terrivel catastrophe, e levantaram-se do leito espavoridos, fugindo para os campos emquanto as suas habitações se desmoronavam, sepultando em suas ruinas grande parte dos moradores.

Com este terremoto ligou-se um outro phenomeno, como depois se soube; e é o ter coincido o abaixamento completo do nivel das aguas nos canaes de Veneza, durante um quarto de hora.

A ilha de Zante, situada nas proximidades da costa da Grecia, era uma cidade das mais bellas por seus edificios, e das mais ricas por suas in-

dustrias. Mede 438 kilometros quadrados com uma população de 40:000 habitantes.

A capital é praça forte, bem defendida por suas fortalezas, e tem mais nove pequenas cidades de menor importancia, mas todas com muitas fabricas, do que lhe resulta um commercio importante que tem feito a sua prosperidade.

A gravura que publicamos a pag. 64 representa a vista exterior da ilha antes da terrivel catastrophe.

A EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES

NO ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO

(Concluido do n.º antecedente)

Ainda um outro retrato. O do dr. Cardoso Pereira no seu laboratorio. Francamente não gostamos. O retrato está semelhante, alguns pormenores bem tratados, mas o todo é pouco agradável, talvez pelo tom vaporoso e pouco definido da figura.

«Campo 24 de agosto», é uma impressão de uma manhã, que não deixa de ser curiosa. A reprodução do local está fidelissima.

Torquato Pinheiro dá-nos uma meia duzia de paisagens, tratados por elle com esse meticoloso cuidado que lhe é peculiar.

De entre essas paisagens, destacaremos, como as que melhor nos impressionaram «Casa rustica em Noeda» «Uma abegoaria «Ponte da Pedra» e «A descamisar o milho».

Eduardo Teixeira expõe um retrato, que deve estar parecido, mas que tem um fundo horroroso. Aquillo nem de uma cosinha. Tem além d'isso mais tres pequenas télas, entre as quaes um Esboço da rua Alexandre Herculano», bem reproduzido, mas que perde muito pela maneira como está pintado. Eduardo Teixeira, que tinha um systema de pintar, como ninguem, parece ter modificado um tanto a sua maneira, mas ainda assim os seus trabalhos d'este anno resentem-se ainda bastante d'esse pessimo systema. O effeito das pinturas é como que o de uma serapilheira, levemente pinclada.

Antonio Baeta expõe alguns trabalhos apreciaveis. É muito graciosa a sua «Paisagem», em que ha uma certa suavidade de tom, que seduz. O «Barco em secco» tem tambem qualidades recommendaveis e as duas «Cabeças de rapariga», apesar da tonalidade um tanto *gris*, não deixam de impressionar pelo desenho e pela factura.

De Julio Teixeira Bastos apontaremos como os melhores quadros que expõe «O alto do Patricio em Eixo», e «Paisagem».

Augusto Paschoal Correia Brandão, exhibe uma «Cabeça de mulher» muito expressiva.

Antonio Candido da Cunha expõe varios trabalhos muito promettedores. É muito bem feita a paisagem «Margens do Leça», em que ha uns effeitos de agua bem observados, notando-se em toda a téla uma sinceridade de interpretação que revella um bom espirito de artista. Igualmente bem pintados «Caminho de ferro da Povoia», «Leixões» e «Cabeça de estudo», é muito rasoavel a «Estrada de Pedras Rubras».

De Joaquim Luiz Cardoso ha reunidas em um só quadro quatro pequeninas paisagens, que não deixam de ser interessantes.

Carlos Reis tem um «Effeito de Sol», que interessa sobretudo pela mancha, um «Effeito de neve», com qualidades, «Brolle» (effeito da tarde), rasoavel, e ainda uma pochade «Tarde de agosto» de certo valor.

Antonio Teixeira Carneiro Junior, que segundo ouvimos, mal começa agora a manejar os pinceis, revela disposições muito felizes para a pintura. O seu quadro «Amuado», um rapazinho encostado a uma grade, é um arrojo, em parte, feliz. Ha in-experiencias de desenho e de colorido, é certo, mas no todo o quadro tem certo merecimento, não deixando de ser desagradavel a côr alaranjada do fundo.

Pedro Guilherme dos Santos Diniz é um bom pintor de marinhas. Expõe tres, mas a melhor é a «Chegada de um paquete ao Tejo», em que ha um excellente ar, movimento, e côr local. É um excellente quadro no seu genero. O «Cahique de pesca», é tambem uma boa pintura, mas inferior em merecimento á anterior.

Antonio Ezequiel Pereira enviou duas paisagens, uma das quaes, «Queluz», regular.

Luciano Freire, tem tres quadros. «A ração», impressão mal, não só pela côr, como por aquelle rosto antipathico de mulher, tendo proximo a cabeçorra da vacca, espantada e desgraçosa.

E' melhor o «Vendedor de leite em Lisboa», mas ainda assim o colorido tira quasi todo o interesse á scena.

Gonçalo Arthur da Cruz expõe, além de outros quadros, um «Pôr do sol» (Rio Doce), muito regular e uma «Praia Principe Real», soffrivel.

A sr.ª D. Josepha Garcia Greno, tem um magnifico quadro de flores «Malvaiscos rosas» pintado com largueza e com paixão. As suas «Margens do Agueda», são um tanto frias, resentindo-se do mesmo defeito, mas em muito menor escala, a «Azenha do Lima». No entanto, em ambos esses quadros revelam-se qualidades de artista.

Aqui temos uma outra senhora, que tambem está pintando muito bem flores. E' a sr.ª D. Alice Grillo, que tem principalmente umas bellas «Camelias e mimosas», uma graciosa e delicada «Corbeille de flores», e ainda um bonito «Canto de toilette».

Da sr.ª D. Amelia Laura, ha sobretudo um «Galinhieiro», regularmente pintado.

Arthur Napoleão Vieira de Mello expõe um «Atelier de Teixeira Lopes», que apenas se recommenda pela fidelidade de alguns pormenores. Cór do modéllo, aspecto da estatua que pousa sobre o cavallete e um ou outro detalhe, tudo aquillo é mau. A «Rêveuse» e «Costurando», são dois quadros regulares. A paisagem «Na Bretanha» é simplesmente estupenda.

Eduardo Moura tem alguns quadros de natureza morta, bem pintados.

Herminio Portugal, expõe além de outros quadros, uma agradável paisagem dos arredores de Lisboa, e «Branca», uma vacca regularmente pintada.

Arthur Prat tem como principal quadro o que se intitula «Na eira», de boa perspectiva, bem observado, em figuras bem movimentadas, mas de uma factura um tanto exquisita. Comtudo, o quadro tem merecimento.

João Augusto Ribeiro expõe uma «Cosinha rustica», que não deixa de offerecer certo interesse, não só pelo modo como está tratada a figura do velho, que se aquece á lareira, como pela fidelidade dos accessorios.

Joaquim Victorino Ribeiro dá-nos uns deliciosos retratos de creanças. Muito bem desenhados e muito bem pintados os tres bustos dos meninos, filhos do sr. G. F.; igualmente excellente o outro retrato de creança que o author intitulou «Cabeça de estudo».

Alfredo Nunes dos Santos expõe a colleção dos seus trabalhos já conhecidos e que ainda ha pouco ahí estiveram patentes em Lisboa.

Finalmente João Vaz exhibe uma bonita téla que tem por titulo «Uma igreja em Vianna do Castello». «Em terra», é tambem um bom quadro e muito rasoavel a paisagem de «Portoselo».

Como homenagem á memoria do fallecido pintor Custodio da Rocha, reuniram-se uns 14 quadros do mallogrado artista, comprehendendo retratos, paisagens, costumes, etc. Todos esses trabalhos são já conhecidos e portanto abstenho-me de fallar d'elles.

Na secção de aguarella, expozeram alguns trabalhos apreciaveis Manoel San Romão, Ribeiro Arthur e Herminio Portugal.

Em escultura ha apenas dois bustos em gesso, um (retrato do dr. Alves da Veiga), de Teixeira Lopes, trabalho pouco feliz, e outro, tambem retrato, de Carlos Leituga, de uma modelação firme e bem cuidada.

E temos dito da exposição d'este anno.

Manuel M. Rodrigues.

CRENÇA NO PORVIR

Um dia, ó patria, sahirás do leito,
Em que jazes ha tanto adormecida.
Ah! se Deus até lá me dêsse vida,
Como deixára a vida satisfeito!

Julgaste para ti o mundo estreito;
E hoje do mundo estás quasi esquecida!
Não succumbas ao mal; resiste, lida;
Pódes muito fazer, que muito has feito.

Brio, fé e valor tens como outr'ora;
Tens de teus filhos o soberbo muro;
E o mar que inda te chama e te namora;

Se pois quizeres, o combate duro
Vencerás; raiará de novo a aurora.
Crê em ti, crê no céo, crê no futuro.

Ramos-Coelho.

O REINO DAS SEREIAS

HISTORIA PHANTASTICA

(a Julio de Scusa Pereira Girão)

I

Imaginae-vos sobre uma ilha no meio d'essas campinas equoreas. Não tereis fogo, não tereis lenha. Julgae-vos um desterrado n'essa particula de terra, rodeada agora por um mundo todo agua. Será essa ilha uma molecula d'um grande continente? Não o sabes? Agita-se acaso esse pequeno ponto terrestre em que estás?

Sim! agita-se. Oíço surdos rumores, estremece e até já se convulsiona. Sinto como que um trepidar d'este pequeno sólo. O surdo rumor aumenta, cresce, atrôa.

São revoluções subterraneas.

Sim! serão. Oíço como que os gemidos d'uma cohorte maldita a contorcer-se nas vascas do fim ultimo.

Repara, o solo estremece, fremita vivamente. Rasga-se, fende-se; abrem-se essas fendas que se escancaram como bocças esfaimadas. E como bocças que são, d'ellas sabem tambem linguas, mas de fogo. Arrojam de si blocos incandescentes, vomitam em convulsões, cinzas e vapores. Já se escaldam os pés. Falta-me o terreno; escancara-se agora a fenda maior. Estou perto d'ella. Devo arredar-me? O instincto da conservação ordena-m'o. Sinto-me attrahido, fascinado, tento fugir.

Já não é tempo!

Um jorro de fogo me impelle até ás nuvens; caio e oh! desespero, vejo que vou na perpendicular d'essa bocca, d'esse inferno que se abre para tragar-me. Tudo é fogo, accelera-se a queda, entio-me veloz, pela enorme velocidade adquirida. Não quero morrer! grito como se alguém me pudesse valer ou ouvir.

Eis que, já essa terrível, descommunal fenda me traga. Ri-se satanicamente em risos de fogo; é enorme, ha uma hora que arrastado vou por ella por entre columnas de vapores e de lava que me levam até não sei onde. A's officinas de Vulcano ou ao Averno?

Não! Irás ao centro da Terra onde tudo é e está em fogo. Esse igneo caminho que corres turbinando-o impulsando pelo teu pezo que augmenta pela gravidade, ahí te levará. Desces um vulcão cuja cratera te enguliu. Agóra atraz de ti, sobre ti correm as ondas absorvidas pela rotura na crôsta da terra. Redemoinham ao entrar n'esse abysmo, as aguas oceanicas; engole as o vulcão que vae concentrando o seu fogo, redopiam as moleculas do elemento liquido e pela centrifuga força que as anima ellas conservam entre si um espaço aonde não ha senão ar, onde as aguas não entram porque pela espantosa velocidade com que giram, teem menos pezo, menos densidade que o proprio ar atmosferico.

Encheu-se o abysmo. Já não é abysmo. A ilha desapareceu, submergiu-se; rodou sobre si como um mastodonte ferido. Rugiu como um leão, mas foi suffocada. Tudo é mar, mar e ceu.

E esse mar revoltado ha momentos, como o cerebro d'um heroe, é agora calmo e sosegado como o coração d'uma virgem. Mas, debaixo d'essa plana superficie placida e mansa, ha um mundo que se revolve.

II

Habitante da pequena ilha deserta, onde paras? Irias acaso, como eu te predisse, ter ao centro da Terra? Se lá chegastes decerto que foi em pó, n'esse mesmo pó de que fostes formado.

Não! cheguei são e fincolume. Encontro me no fundo dos mares; vagueio por florestas de anthozoarios, erro acossado pelos vorazes animaes d'este mundo equorino. E comtudo aqui sinto me melhor do que n'esse poço cujos vapores me suffocavam e, se não fôra o turbineo movimento de que estava possuido que me desnorreava e se oppunha ao contacto, eu decerto teria morrido e seria crematisado. Transpirei por todos os póros e isso me salvou. Assim, um liquido frio, lançado de subito sobre uma placa incandescente se não ebulliciona, ainda que a temperatura seja mil vezes maior que a necessaria e só pelo contacto se volatilizará o que succede pelo arrefecimento; foi pois por não haver perda de calor que eu me não incinerei!

Sim, e agóra que vagueias n'esse meio denso, deixa me acompanhar-te nas tuas aventuras.

Difficil te será; o peso d'agua que sustento é milhões de vezes mais importante que a columna d'ar que deslocamos lá em cima na Terra. Das

vinte leguas que tem a crôsta terrestre, creio ter andado doze e o ar empurrado pelas aguas superiores ao vulcão acha-se agóra comprimido e eis porque eu com deseseis milhas d'altura d'agua por cima de mim, me posso mover e viver.

Tantas são as maravilhas que vejo que quando a fada Iluja, minha protectora, houver por bem tornar-me á superficie terrestre, contal-as-hei.

Narremos nós o que succedeu a Laimie, o viajante dos mares.

* *

Outr'ora existia no fundo do Oceano um certo paiz cujo nome era o de *Reygn das Sereias* governado pela sereia Hara que se arrogava o titulo de *mais formosa e captivante*.

Fôra ella que subindo uma vez á superficie das aguas, viu n'um extremo de certo continente o symphatico Laimie a quem seduziu com seu canto. Quando elle a ouviu, correu, e o lugar em que estava deslocou-se do restante e ouve uma voz — talvez a da sua fada — dizer lhe: garção se queres possuil-a, prosegue. A'vante.

E elle seguiu; novo, ardente, sentia em si uma força extranha que o impulsionava. Deixou-se ir á mercê das ondas em que a nova ilha fluctuava e que elle cria immovel.

Foi n'este momento que o encontrámos. Sabemos como cahiu Laimie no fundo dos mares, e isto já por artificio de Hara que — digamol-o em segredo — se enamorara d'elle e assim conseguiu leval-o ao seu paiz cuja côrte passamos a vêr.

III

Não era n'essa côrte desconhecida a aristocracia mas um golpe lhe fôra tão certeiraamente vibrado pelas castas deprimidas e a quem a preponderancia das mais altas opprimia de modo tal que uma sublevação por parte dos protozoarios teve lugar. Os poríferos, as madréporas e tantos outros animaculos, conseguiram impôr-se. Os noctilucos que eram tributados pelas sereias com a cedencia de dois dos seus mais brilhantes filhos a cada uma, deram o signal. O tributo lançado sobre os noctilucos na verdade não era mal applicado: collocavam-os nos seus sedosos cabellos, quando pela noite se faziam ouvir, eram mais luminosos que os proprios brilhantes.

Mas, como as sereias são semi-mulheres, exigentes portanto, entenderam deverem receber em lugar de dois, quatro.

A conspiração formou-se logo, e momentos depois rebentava. A este movimento juntaram-se os espongiarios da casta dos poríferos que por sua vez conseguiram rebelar as vorazes algas e tantos outros vassallos da sereia Hara a *mais formosa e captivante*. Comtudo as madréporas como a sua vida é difficil muito ao fundo do mar, vieram estabelecer-se mais alto e até se conta presentemente serem ellas quem manteem em nível o fundo do Oceano: labutam por viverem n'uma dada altura mas o pezo das aguas cria depressões no fundo do mar de forma que as que se salvam se sobrepõem ás demais.

Estavam pois reduzidos os vassallos a poucas raças e a não serem os coraes vermelhos, rubidos, que eram guardas reaes, os mais pouco obedeciam ao mando da — talvez despótica — sereia reinante.

Varios outros coraes, isto é, pretos, roxos e roseos, tinham cargos especializados, cargos devidos a terem-se deixado ficar fieis á rainha Hara que os premiou elevando-os e abolindo a distincção de castas.

Eis porque deixou de existir um pouco menos a autocracia no reino das sereias.

Vamos aos paços.

IV

Imaginae, uma vasta molle de calcareo produzida pelos esqueletos de myriades de gerações successivas de radiolarios, madréporas e polypos; os ultimos pela sua constituição membranosa já não existiam, os seus esqueletos infimos e até inverosimeis tambem se haviam extinto. Interiormente grossos pilares burilados pelas aguas; grandiosos rendilhados eram pendentes, quaes stalactites, da parte superior d'aquella especie de aboboda.

Alguns parasitas de fórmas menos estudadas, ornamentavam as paredes, e o chão era tapizado por uma areia fina, branca como marfim vegetal. Alguns molluscos univalvas se arrastavam ao longo dos bancos. A' entrada d'esta gruta as plantas

aquaticas: sargaços pimentiferos, algas fucacios zosteras, etc.; cahiam em franjas tão delicadas que mais pareciam uma enorme cortina de renda, tributo d'aturadissimo trabalho da mais paciente bilrista. Grandes laminas de alumina purissima, limpidas como brilhantes de primeira agua, serviam de espelhos ás formosas habitantes d'esta encantadora gruta em que uma das paredes era incrustada de espalto semelhando uma cascata tão artistica que faria desesperar o imitador que tentasse reproduzil-a.

A uma certa altura, corria contornando toda a aboboda, uma especie de varandim em que parecia a natureza ter esgotado todas as fórmas graciosas, todas as linhas gentis, todas as combinações polygoneas imaginaveis.

Eram uns esculpidos em que se desenhavam ornamentos grandiosos, animaes, ou por outra, monstros de fórmas estranhas e certamente verdadeiros, pois que tudo aquillo não era mais que a simples impressão, isto é, fossilizados.

Alguns dos pilares eram formados totalmente por molluscos testaceos já fósseis, todos bivalvas cujas conchas estriadas em leque, brilhantes pelo nacar, reverberavam raios luminosos em que se viam as côres do arco iris. Algumas d'ellas, abrindo-se haviam deixado cahir as suas pérolas, o que juncara de tal modo o sólo, que diriamos bem, ser todo feito d'ellas. Havia-as alli mais perfeitas e preciosas do que as de Baharem; as apingentadas, as netas e as orientaes confundiam-se. E, a luz d'ellas communicava-se a tudo; tudo era perolino.

Umás pérolas negras, embora cahidas ao acaso, desenhavam encadeados labyrinthos, intrincados caracteres, como se fossem signaes chinezes de sentido latitante ou hieroglyphicos primordiais.

(Continúa)

Esteves Pereira.



REVISTA POLITICA

O que mais está dando que fazer ao governo e á imprensa politica é o negocio dos credores estrangeiros.

O governo tem tido successivas reuniões de conselhos de ministros para tratar d'este espinhoso negocio, e os varios sabios d'esta terra tem consumido resmas de papel e potes de tinta a escrever sobre o mesmo assumpto, nos jornaes politicos e noticiosos do paiz, o que nos leva a calcular que se, por cada palavra escripta e fallada sobre o tal intrincado negocio, os seus auctores pagassem um real, já estaria a estas horas liquidada a divida, e o paiz habilitado a contrair muitas outras para gaudio e lustre dos seus financeiros.

Tem se despendido torrentes de rhetorica, em discurso, escriptos e conversações sobre se se pôde ou não pôde pagar mais aos credores estrangeiros, e por fim não se tem conseguido mais que accumular palavras sobre palavras, sem uma unica idéa, sem uma sabida ou alvitre.

A nós parece-nos que o proprio jogo que os bolsistas estrangeiros estão fazendo com os fundos portuguezes, a ponto de em Paris já não terem cotação, devia ser habilmente aproveitado pelo governo portuguez para virar o feitiço contra o feiteiro.

Sobre este ponto não devemos avançar mais, apesar da discricção não ser o forte da imprensa portugueza.

Podemos contudo afirmar que recursos não faltariam a qualquer governo portuguez, que visse um pouco mais ao longe e que adoptasse a politica que mais conveniente fosse aos interesses do paiz, sem se subordinar á nefasta politica seguida até hoje.

De resto, a depreciação porque estão passando os nossos fundos nas praças estrangeiras e muito especialmente em Paris, não significa realmente o receio de que Portugal não possa solver os seus encargos, mas simplesmente um jogo de bolsa em que os mais espertos querem aproveitar as fraquezas dos mais timidos e ignorantes, porque os mesmos recursos que Portugal tinha quando lhe fiam aquelles emprestimos são os mesmos que tem hoje, e se então lhe emprestaram é porque sabiam que havia com que lhes pagar.

Crêmos bem que todos os negocios tem prós e contras, e que não somos nós a unica nação que se tem encontrado em circumstancias criticas, devido a varias causas, mais ou menos transitorias, que o tempo modifica, mas de que por fim se triumpham. Ora de uma situação, embora dolorosa, mas passageira, a uma depreciação completa do

capital que torne insolúvel o passivo, vae uma grande distancia, e só a completa ausencia do estudo economico do nosso paiz é que pôde confundir uma questão d'estas, pondo-nos n'uma dependencia humilhante e vexatoria, em que seremos explorados irrisoriamente.

Tambem vimos com o nosso contingente de palavras para a questão, mas que nos relevem o peccado em que cahimos, porque estamos precisamente na situação d'aquelle algarvio que se não fallasse rebentava.

Nós tambem cá temos um elixir, mas não o podemos divulgar, porque o segredo é a alma do negocio, e n'estes casos o segredo era tudo para evitar complicações.

E a respeito de elixires lembra-nos uma conversa que ha tempo tivemos com um amigo nosso, que muito prezamos, o sr. Antonio Ferreira de Castro, sobre a deficiencia das matrizes predias, quando o governo mandou suspender os trabalhos da revisão das mesmas matrizes, com que se tem gasto algumas centenas de contos sem se chegar a conclusão nenhuma.

— Os proprietarios é que haviam de ser os melhores revisores das matrizes, dissémos nós.

— Como assim!?

— De um modo muito simples. Um decreto só com dois artigos fazia o que ha mais de doze an-

verem muitas propriedades anonymas — chame-mos-lhe assim — e muitas outras inscriptas em menos do seu rendimento, que a tal idéa se não pôe em lei.

E' curioso, não é?

Isto é um paiz de curiosidades.

Ora vejam. O governo acaba de decretar que se proceda á cobrança das dividas ao thesouro por contribuições e direitos de mercê em atrazo, na bagatella de uns tres mil e trezentos contos.

Ora não sabemos de quem mais leis e força tenha por si, para ser embolsado de todas as suas dividas, que a fazenda nacional, e por isso o alludido decreto é mais uma das curiosidades do nosso paiz.

Mas para cumulo de curiosidade é o que toda a gente diz, que apesar do decreto, não se cobra coisa alguma, porque justamente os maiores devedores ao Estado são aquelles que pela sua posição deviam ser os primeiros cumpridores da lei, e não obstante, até nos processos se declara ignorar-se a sua morada por não terem domicilio certo.

Se querem saber a morada de alguns, perguntem — a qualquer gallego da esquina que a saberá indicar.

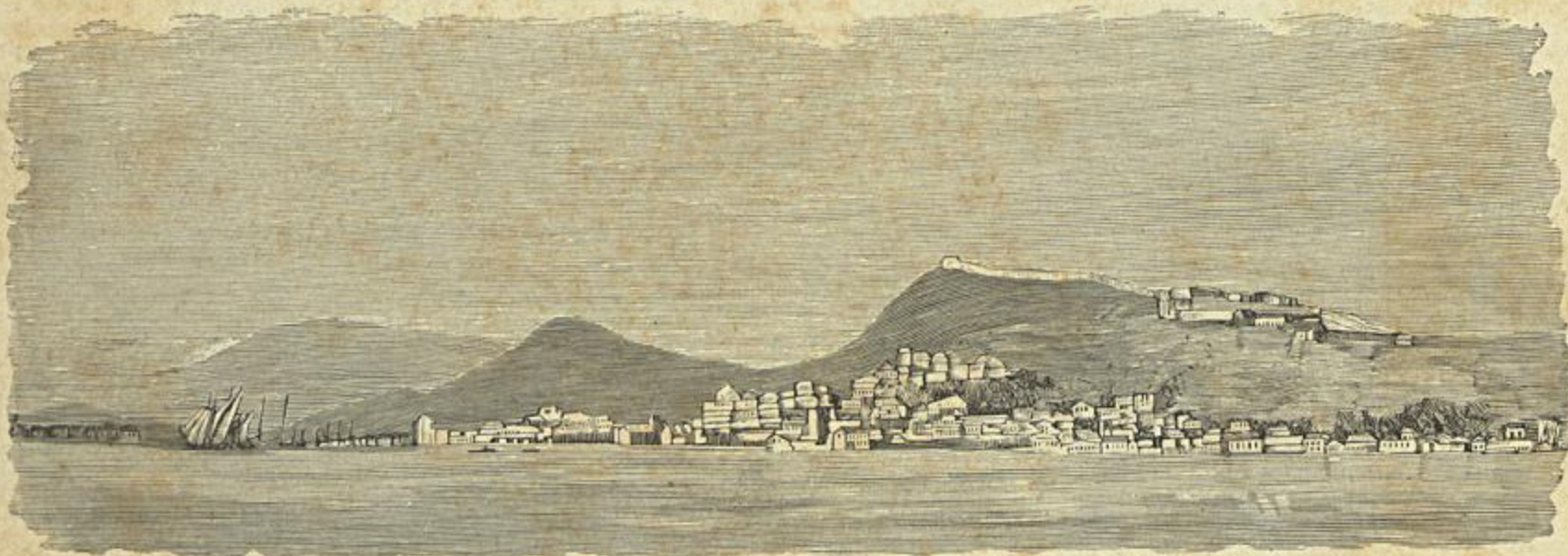
João Verdades.

L'Universelle, organe de l'Encyclopédie vivante, revue bi-mensuelle du mouvement intellectuel, directeur A. Rémond, etc. Esta revista é das primeiras, que em seu genero se publica no grande centro da civilisação, e por isso a recommendamos a todos que desejem andar a par de todo o movimento scientifico, de que esta revista é uma verdadeira encyclopédia.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, n.º 3, 4 e 5 da 11.ª serie. Imprensa Nacional. Os numero 3 e 4 tratam de Vasco da Gama e de Diogo de Azambuja, trabalho do secretario perpetuo da Sociedade o Ex.º Sr. Luciano Cordeiro. No ultimo (Diogo de Azambuja) lê-se uma dedicatória ao erudito e investigador collega nosso o Ex.º Sr. Gabriel Pereira que com os seus estudos de archeologo muito concorreu para o trabalho de Luciano Cordeiro.

Revista Fayalense, n.º 1 de 1 de fevereiro de 1893. Publicação quinzenal, litteraria, scientifica e recreativa, sob a direcção do Gymasio Club, da Horta, Açores. Imprensa na Minerva Açoriana. Fayal. Tem dez paginas este primeiro numero, é bem collaborado mas com escriptos na maioria conhecidos, taes como a *Estat a Fatal*, *Marquiza de Tavora*, Na sala, poesia, etc. Em resumo, e

TERREMOTO DA ILHA DE ZANTE



VISTA GERAL DA ILHA DE ZANTE — VICTIMA DE UM TERREMOTO EM 7 DE FEVEREIRO DE 1893

nos não conseguiram levar a cabo os revisores das matrizes.

—?

Art. 1.º O governo reserva-se o direito de adquirir para si todas as propriedades rusticas e urbanas, pelo valor porque estiverem dadas nas matrizes.

Art. 2.º Ficam sendo considerados bens nacionaes todas as propriedades que não se encontram registradas nas respectivas matrizes á data da execução d'este decreto.

— Mas isso é simplicissimo e de um resultado extraordinario, disse-nos o sr. Castro.

— Seria, seria, se os governos fizessem mais administração e menos politiquice.

Esta nossa idéa, que á primeira vista pode parecer um tanto despotica, afigura-se-nos a mais pratica para contrapor aos abusos e burlas de que o fisco está sendo victima, e para que se não pense que só no nosso pobre cerebro se geram idéas d'estas, acabamos de ter o prazer de lêr, em um folheto publicado pelo nosso illustre amigo o sr. Francisco Simões Margiochi, os alvitres financeiros que este digno par do reino apresentou ao ministro da fazenda, pelos quaes se vê que as idéas de s. ex.ª se encontraram com as nossas na parte que respeita á revisão das propriedades, como nós a resolvemos tambem.

Mas porque não se pôe isso em lei, dirá o leitor, se não tem por lá tambem alguma propriedade sinha anonyma ou avaliada em metade do seu rendimento real.

E nós respondemos que é exactamente por ha-



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Parque Vaccinogenico de Lisboa, relatório 1888 a 1891. Lisboa Typographia de Christovão Augusto Rodrigues. 1892. Um vol. de 100 in-4.º illustrado com uma phototypia representando a vista exterior do parque vaccinogenico. Foi este estabelecimento fundado em 1888 pelos distinctos medicos srs. Carlos Moniz Tavares e Guilherme José Ennes, para a cultura exclusiva da vaccina animal, e é justo dizer se que n'esta especialidade tem conseguido alcançar resultados muito satisfatorios, procurando os seus proprietarios triumphar do descredito em que a vaccina animal tem cahido.

É louvavel este esforço, tanto mais quando os lucros obtidos não compensão o trabalho e dedicacão empregados, como se lê no relatório, que é bastante minucioso.

Nos quatro annos decorridos desde a fundação do parque até 1891 tinham-se feito ali 710 vaccinações, numero importante se se attender a que é um estabelecimento nascente, e por isso este resultado bastante animador deve encorajar os intelligentes directores e proprietarios do Parque Vaccinogenico de Lisboa a proseguirem na sua obra humanitaria.

bem redigido, mas deve ser mais original, a não ser que nas terras insulanas seja desconhecido o que em Portugal é conhecidissimo.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

Pedidos á empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1893

Está quasi esgotada a edição; a capa é um lindo chromo representando esse mimo d'architectura quinhentista — a Torre de Belem.

Preço 200 réis. Pelo correio 220 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25. a39